



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

BRUNO LEANDRO DE ALMEIDA
SÍLVIO CÉSAR FREIRE DA SILVA
WELLYTON QUEIROZ COSTA

RELATÓRIO TÉCNICO DO VÍDEO DOCUMENTÁRIO:

“O BOMBAIANO – JOSELITO LUCENA
A VOZ MARCANTE DO RÁDIO ESPORTIVO PARAIBANO”

CAMPINA GRANDE – PB

2011

**BRUNO LEANDRO DE ALMEIDA
SÍLVIO CÉSAR FREIRE DA SILVA
WELLYTON QUEIROZ COSTA**

Vídeo documentário apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção do diploma de graduação.

ORIENTADOR: PROF. LEONARDO ALVES

CAMPINA GRANDE – PB
2011

C837b Costa, Wellyton Queiroz.

O Bom Baiano – Joselito Lucena, a voz marcante do rádio esportivo Paraibano. [manuscrito] /Wellyton Queiroz Costa, Silvio César Freire da Silva, Bruno Leandro de Almeida . – 2011.

28f.; il.Color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2011.

“Orientação: Prof. Esp. Leonardo da Silva Alves, Departamento de Comunicação Social”.

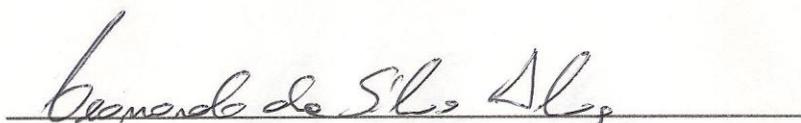
1. Documentário. 2. Rádio 3. Futebol. I. Título.

21. ed. CDD 070.194

**“O BOMBAIANO – JOSELITO LUCENA
A VOZ MARCANTE DO RÁDIO ESPORTIVO PARAIBANO”**

BRUNO LEANDRO DE ALMEIDA
SÍLVIO CÉSAR FREIRE DA SILVA
WELLYTON QUEIROZ COSTA

BANCA EXAMINADORA



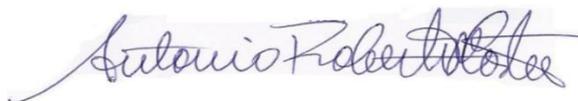
Prof. Leonardo da Silva Alves – UEPB

(Orientador)



Prof.º Gilson Souto Maior – UEPB

(Examinador)



Prof.º Dr. Antônio Roberto Faustino da Costa – UEPB

(Examinador)

Aprovado em: 21 de Junho de 2001

Nota: Dez (10,00)

CAMPINA GRANDE – PB

JUNHO 2011

AGRADECIMENTOS

Por Wellyton Queiroz.

Primeiramente quero agradecer a Deus, o mestre maior e responsável por mais uma vitória em minha vida.

Agradecer a toda minha família, avós, avôs, tios, tias, primos e primas, irmãos e irmãs, todos sem exceção, que sempre estiveram do meu lado todo esse tempo, principalmente meu Pai e minha Mãe. Meu Pai Lindemberg Pereira Costa, meu ídolo como profissional e minha mãe Maria Verônica Queiroz meu ídolo como pessoa, mulher e a melhor mãe que alguém pode ter.

Aos meus irmãos Wallysson Queiroz e Lindemberg Júnior, que superou comigo todas as dificuldades e obstáculos que a vida nos colocou, que mesmo com os atritos seguimos unidos até hoje graças a uma maravilhosa mãe que nos criou de uma forma tão magistral.

Aos meus amigos, desde o colegial, Dayvison Kelvin, Leonardo José, Rafael, Fernanda Puebla, Larissa Lais, Marcela Costa, Pablo Moraes, entre outros e aos que fizeram parte da minha vida nesses últimos quatro anos, meus amigos e irmãos da turma de Comunicação Social 2007.2, Dagberto Júnior, Ivan Sérgio, Bruno Leandro, Danilo Alves, Ramon Smith, Alexon Magno, Romulo Figueiroa, Manassés Xavier, Erick Ronnie, Gilbran Kalil, Sílvio César, Felipe Powell, Fabrício Santana, Rodrigo Lins, Andréa Batista, Bruna Pontes, Cris Dantas, Luciano, Fernanda, Roberta, Sayonara. Dentre outros e outras, que foram de suma importância para o meu crescimento como pessoal me ensinando o verdadeiro sentido da palavra amizade, vou guardar vocês no meu coração pra sempre.

A Marianne Herculano Costa, minha namorada e futura esposa mãe dos meus filhos e sua família, os melhores sogros que eu poderia ter, sempre me tratando como um filho. Agradecer em especial a Marianne que tive a sorte de conhecer dentro do curso e mais sorte ainda de ter encontrado uma pessoa linda, companheira, amiga e confidente pra ter ao meu lado.

Agradecer a todos os meus professores que fazem parte desta vitória, em especial: Luís Adriano, Cléper Dantas, Arão de Azevêdo, Roberto Faustino, Leonardo Alves, Luiz Aguiar, Iolanda Barbosa, Cléa Gurjão, e em especial ao pai da nossa turma, um exemplo como professor e ser humano, que nos acolheu desde o seu primeiro dia de aula, estando do

nosso lado sempre que precisamos, o Senhor não deve saber mais lhe tenho, junto com meu pai como fonte de inspiração para crescer cada dia mais na vida, muito obrigado, Gilson Souto Maior.

Aos meus amigos de trabalho, amigos de lutas diárias, parceiros que vou levar comigo independente do meu futuro, Eudes Marques, Marcelio Henriques, Robson Borracha, Genard Dantas, Marcone Aurélio, Leandro Nascimento, Élsio Gomes, João Capim, André, Lais Mary, Kalyne Nepomuceno, Carlos “Ferrugem”, Arnaldo Segundo, Isaias Maciel, Kiara Judicely, Mônica, Genildo Barros, Fabrícia Oliveira, Alano Américo e meu chefe e conselheiro Carlos Siqueira (desculpe se esqueci alguém) .

Ao professor Leonardo Alves que acolheu e nos ajudou a desenvolver o nosso projeto, meu ex. companheiro de trabalho e pessoa de índole inconfundível e mais um amigo que espero contar sempre, tenho muito a te agradecer por esse momento.

AGRADECIMENTO

Por Bruno Leandro.

Agradeço primeiramente a Deus, que com sua infinita bondade e misericórdia me concebeu esta graça, a Ele ofereço toda Honra e toda Glória.

Ao meu pai e maior incentivador Luiz Gonzaga de Almeida, que com sua persistência e Espírito de luta se tornou o meu maior exemplo de perseverança, ao meu avô José Félix de Almeida, por ter cuidado de mim na infância e por todos os conselhos que me dá até hoje, a minha Tia, Elma Maria de Almeida, por ter se colocado no lugar mãe e por ter me dado todo suporte para começar na minha jornada acadêmica, sem ela não teria conseguido.

A minha namorada e meu amor maior Simone Santana e toda sua família, por toda paciência e companheirismo que teve comigo e acima de tudo por me trazer a paz em um tempo muito difícil de minha vida. Com ela pretendo construir meu futuro, mas isso deixo a encargos do destino.

A lembrança de minha avó Maria Nazaré de Almeida, a minha “mãe-vozinha” que tão prematuramente me deixou, mas que estará para todo sempre em meu coração, não haverá um dia sequer que a esquecerei.

Ao meu irmão Helbert Luiz Gonçalves de Almeida, que se tornou meu amigo de todas as horas, e todo o restante de minha família, André Luiz, Douglas Aparecido, Carlos Alberto, Drayton Aparecido, Andréia Mayana (Deinha), Vandrê Luiz, Anastácio Almeida e José Félix Filho (desculpe se esqueci alguém).

Aos amigos Linduarte Rodrigues (Dudu) e sua família, a Felipe Pinheiro, Vinícius Guedes, Vinícius Andrade, Herivelton Cunha Mendes, Hermano Cunha Mendes, Anaize Rocha, Niedja Ribeiro e sua Família e todos os que contribuíram mesmo que indiretamente com a minha pessoa.

A todos os meus companheiros de classe, em especial Dagberto Júnior, Danilo Alves, Wellyton Queiroz e Ivan Sérgio que se uniram a mim para enfrentarmos juntos essa jornada.

A todos os professores do curso de Comunicação Social da UEPB em especial a Iolanda, Cléo Brandão, Luis Adriano, Gisele Sampaio, Aguiar, Roberto Faustino, Claudeci, Jaldete, Leonardo Alves e principalmente Gilson Souto Maior, O homem mais inteligente e talentoso que conheci, que com todo seu companheirismo e dedicação se tornou um segundo pai para mim.

AGRADECIMENTO

Por Silvio César.

Agradeço a Deus primeiro pela minha existência e pelas oportunidades que me foram dadas durante esses anos de vida, por que é na fé que construímos nossos projetos, e em especial a minha mãe Beatriz Freire da Silva que abaixo de Deus posso dizer que é à base de tudo que me sustenta, pois sem a sua existência e presença na minha vida seria impossível levantar-me dos tombos que a vida nos dar, esta fase da minha vida é dedicada a você que através da sua fé em Deus, que le deu força, dedicação e muito amor , para dar educação a nove filhos,e é com está inspiração que estou aqui te agradecendo por ter sido mãe e como se não bastasse ter tempo de fazer o papel de pai e dar os corretivos necessário para nos afastar dos perigos da vida,pois tudo podemos quando temos fé no Deus do impossível.

Este trabalho é principalmente dedicado a Taynana de Freitas Barreto minha amiga inseparável que está guardada no meu coração e que teve muita paciência durante esses quatros anos, ouvindo e compreendendo minhas dificuldades para concluir esse curso ao qual devo metade, foi com ela que discuti meus trabalhos intermináveis e por ter vivido fases difíceis na minha vida, que foram matérias primas de aprendizado, a você meu muitíssimo obrigado sem você tudo seria mais difícil.

Aos meus irmãos e irmãs, Sergio, Sandro, Suely, Saulo, Silvan, Simone, Silvanio e a minha irmã já falecida que cuidou de mim por um bom tempo da minha infância a todos fica aqui meu muito obrigado. Obrigado aos meus sobrinhos por terem me aperiado durante esses anos,mas fico muito feliz por ter contribuído de alguma forma na educação deles.

A minha tia Carmelia e meus primos, sem deixar de agradecer aos meus avôs que mesmo sem fazerem muita parte de minha vida vão está sempre no meu coração.

As minhas amigas, Saionara, Ana gorette (aninha), Roberta Albuquerque, Cristiane (Cris), Pollyane, Fernanda, Andrea batista, Janiele, Luziane, Elidiane, Natalia, Geórgia, Bruna, Luana e Kacia, desculpas ai por vocês terem me perturbado durante estes quatros anos.

Aos meus amigos, Luciano parceiro de muitos trabalhos a Gilbran que me persegue, Dagberto, Rômulo, Alexon, Erick, Danilo, Ivan, Josenildo (boa noite), Manasses um amigo muito solidário, Rodrigo, Fabrício, alisson, Ubiratan (bira) André, e também a Aristheuson, Felipe e Ramon que infelizmente não estão concluindo o curso conosco, mas fazem parte desta turma. Ao meu professor e orientador Leonardo Alves muito obrigado pela paciência e pelas boas conversas que tivemos. Aos professores (as) Fátima luna, Cléa, Gisele,

Aguiar, Cléper, Gilson Souto, Roberto Faustino e Rarão, agradeço pelos os ensinamentos e dicas profissionais.

Agradeço aos meus amigos, Bruno Leandro e Wellyton Queiroz, que juntos construímos esse belíssimo projeto, o qual vai nos dar a avaliação final desse curso para podermos ingressar no mercado de trabalho, obrigado por vocês fazerem parte desse trabalho.

OBRIGADO A TODOS!

RESUMO

“O Bom Baiano”, conta a trajetória de vida, pessoal e profissional de um dos maiores locutores esportivos radiofônicos da Paraíba, Joselito Pereira de Lucena o vídeo teve a participação de familiares e amigos. Eles relatam o talento e o amor pela profissão conquistada pela sua simplicidade. Para execução desse trabalho utilizamos o conceito de documentário verdade e a fotografia baseada no enquadramento clássico.

PALAVRAS-CHAVES: Documentário, Rádio, Futebol.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. BIOGRAFIA.....	13
3. A CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO.....	14
3.1. Percurso Cronológico.....	15
4. REFERENCIAL TEÓRICO.	17
4.1. Conceito de documentário.....	17
4.2. Documentário no Brasil.....	19
4.3. Documentário na Paraíba.....	20
4.4. O Rádio no Brasil.....	21
4.5. O Rádio na Paraíba.....	23
5. AS TRANSMISSÕES DE FUTEBOL	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
7. REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

O maior Ícone do Radialismo esportivo Paraibano, assim é descrito Joselito Pereira de Lucena por todos que tiveram a oportunidade de conviver ao seu lado.

Nascido em 1935 em Jacobina na Bahia, Joselito Lucena demonstrou cedo sua paixão pelo futebol e também cedo conheceu o significado da palavra trabalho.

Ainda adolescente se mudou para Campina Grande e logo demonstrou interesse pela comunicação ingressando em uma rádio local como Office Boy, passou por vários cargos como disque jóquei, discotecário e noticiarista, mas foi no futebol uma grande paixão sua, onde Joselito descobriu o seu imenso talento de narrador esportivo.

La muito além de simples narrativas futebolísticas, passava perfeitamente com muita veracidade e emoção os fatos ocorridos dentro de um campo de futebol para os ouvintes que logo se encantaram com tamanho profissionalismo.

Joselito Lucena foi o pioneiro no cenário esportivo paraibano de um novo modo de narrar futebol e deixou ao longo dos seus 75 anos de vida uma vasta e expressiva obra que serviu de inspiração para muitos profissionais inclusive o seu próprio filho. Seu trabalho influencia até as mais novas gerações .

Além do imenso talento que possuía Joselito também lutava pelos direitos dos radialistas, por ser uma classe muito desfavorecida no estado da Paraíba.

O vídeo documentário “O Bom Baiano” foi produzido com o intuito de resgatar através de relatos e depoimentos, a própria história do referido personagem que nasceu na Bahia mas radicou-se em Campina Grande na Paraíba, onde construiu ,com muito sacrifício , suor e humildade um legado que o tempo jamais poderá apagar.

O documentário apresenta detalhes da vida do Narrador esportivo na visão de pessoas que conviveram com o próprio. Os diversos depoimentos colhidos e expostos no vídeo revelam detalhes de um homem que viveu sua vida inteira em função de passar a alegria e o espetáculo do futebol para as pessoas.

Outra intenção do vídeo é refletir os sentimentos, conceitos e sensações vivenciados por Joselito Lucena através do seu trabalho, acreditando ser possível exibir sínteses da interação do personagem com o mundo.

O documentário cumpre um papel importante que é trazer a tona a história de vida de um grande profissional da Borborema que superando inúmeras adversidades da época, desenvolveu um relevante trabalho, engrandecendo a classe jornalística como um todo.

Por tanto o filme espera dialogar com os espectadores e levá-los a compartilhar as alegrias e tristezas de Joselito, fazendo-os imaginar as diversas situações vividas pelo mesmo do ponto de vista de quem o conheceu.

O vídeo responde aos anseios daqueles que reconhecem o valor da cultura da narrativa esportiva paraibana como patrimônio, pois promove o trabalho de um de seus principais incentivadores, que dedicou toda sua vida ao desenvolvimento de tal.

2. BIOGRAFIA DO LOCUTOR JOSELITO LUCENA

Joselito Pereira de Lucena nasceu na cidade de Jacobina, na Bahia em 29 de junho de 1935. Filho de um pernambucano caminhoneiro e de uma dona de casa paraibana, Joselito Lucena começou cedo a demonstrar o seu interesse em trabalhar, ainda na infância se mudou com os pais para Campina Grande na Paraíba onde conseguiu o seu primeiro emprego na “Voz de Campina Grande” um serviço de auto falantes na praça da bandeira, dois anos depois, iniciou um trabalho na Rádio Borborema como Office boy, e logo depois passou pelos cargos de discotecário, disque-jôquei locutor comercial e noticiarista.

Em 1954 Joselito foi convidado a trabalhar na Rádio Caturité a mais conceituada da época e passou a ser apresentador do programa “boate starlight”.

Em 1955 Joselito conheceu a sua esposa Eliete, com quem casou em 31 de dezembro de 1959. Após o casamento o Locutor optou por tentar levar o seu trabalho pra São Paulo, de onde regressou tempos depois, voltando a trabalhar na Rádio Borborema já como Locutor esportivo e convidado novamente para a rádio Caturité.

Com um talento fora do comum para realizar coberturas esportivas, Joselito recebeu diversas honrarias como o prêmio de honra ao mérito dado pela FPF em 1988. Seu trabalho rompeu fronteiras e ao longo dos anos foi convidado para diversos torneios de futebol, como a copa America do Chile em 1993, por exemplo, além de inúmeros campeonatos por todo o país. No futebol Paraibano criou expressões como “o colosso da Borborema”, se referindo ao amigão, e “o clássico dos maiorais”.

Permaneceu na Rádio Caturité realizando coberturas esportivas e comandando o programa “atualidades esportivas”. Em 2010 recebeu a outorga de medalha de mérito Jornalístico na câmara de deputados e em junho do mesmo ano Joselito descobriu um câncer, que o fez parar de narrar jogos e três meses depois, deixou também de comentar para se dedicar exclusivamente ao tratamento da doença.

Joselito Lucena faleceu em 04 de fevereiro de 2011, devido complicações oriundas do câncer aos 75 anos de idade. É um dos grande ícones da radiofonia paraibana, foi um homem simples mas com um conhecimento invejável no que fazia, injetava um amor fora do comum ao seu trabalho, foi mestre de muitos e continua sendo até hoje.

3. A CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

O documentário foi escrito por três alunos da Universidade Estadual da Paraíba, concluintes do curso de Comunicação Social - habilitação em jornalismo.

A equipe foi responsável por todas as etapas de elaboração do vídeo, desde a pré-produção (pesquisa, coleta de materiais sobre o personagem em destaque e agendamento de entrevistas), até a produção (registros fotográficos e filmagens) e pós-produção (edição do produto midiático).

Para aprofundar o conhecimento sobre o personagem e dar suporte ao trabalho, a equipe utilizou informações extraídas de recortes de jornais conseguidos com sua família, uma biografia sem título que foi confeccionada por amigos e familiares e fotos também cedidas pela sua família.

Na parte técnica, foi usada uma câmera digital semi-profissional, (modelo Sony had can, DCR-SR65), cedidas pelo departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba. Os equipamentos garantiram qualidade média às imagens coletadas, mesmo assim conseguimos agilidade ao processo de edição e um considerável resultado final. Quanto à iluminação foi usada de forma natural e o áudio captado pelo microfone interno da própria câmera. A trilha sonora presente no filme constitui-se de apenas uma música, na qual, descrito pelos familiares indentificava-se com o trabalho do personagem principal.

Para a construção do documentário a equipe optou pela utilização dos depoimentos de familiares, amigos e companheiros de profissão que foram agendados com antecedência para narrarem a história do locutor. Vários fatos foram relatados por pessoas que cercavam Joselito, relatos e frases marcantes que passaram despercebidos mas que são retratados perfeitamente nos depoimentos.

A idéia foi montar um sistema de relacionamento entre as falas, de forma que as histórias individuais colhidas nas entrevistas foram entrelaçadas, dando unidade ao conteúdo do vídeo.

Com intuito de aproximar o espectador da realidade vivida por Joselito Lucena, as entrevistas foram realizadas em vários ambientes que o personagem costumava frequentar no dia a dia (como sua casa, faculdade e estúdios de rádio).

O documentário “O Bom Baiano” contém ainda imagens inéditas que fazem parte do arquivo pessoal da família.

3.1. Percurso Cronológico:

22 A 24 FEVEREIRO

A equipe do documentário se reúne com o orientador do projeto, o professor Leonardo Alves para começar as filmagens. Em seguida foi reunido todo material impresso possível sobre Joselito Lucena.

08 DE MARÇO

Foi apresentada, ao filho, Rostan Lucena o objetivo da produção do vídeo, solicitando desta forma, a autorização do mesmo para a realização do trabalho, e dos possíveis depoimentos da família.

Em resposta a proposta apresentada, o filho de Joselito Lucena se mostrou solícito e agradecido pela iniciativa dos estudantes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em divulgar a história do seu pai.

26 DE MARÇO

Primeiro dia de filmagens, na casa do ex. radialista Edvaldo Gouveia. As 09h foram capturadas os primeiros depoimentos sobre Joselito Lucena.

04 DE ABRIL

Agendamento para as filmagens com o apresentador da TV Paraíba Carlos Siqueira.

05 DE ABRIL

Segundo dia de filmagens nos estúdios da TV Paraíba com Carlos Siqueira.

12 DE ABRIL

Agendamento para as filmagens com o filho de Joselito Lucena, Rostan Lucena.

19 DE ABRIL

Terceiro dia de filmagens com Rostan Lucena, no departamento de Comunicação Social da UEPB, também foi feito o agendamento para as filmagens com a esposa, netos e bisnetos e coleta de material acerca do locutor de posse de sua família.

05 DE MAIO

Quarto dia de filmagens com o Jornalista e Professor da UEPB Gilson Souto Maior no departamento de Comunicação Social da UEPB.

22 DE MAIO

Sexto e último dia de filmagens na residência de Joselito Lucena com sua esposa e netos, na companhia de seu filho Rostan. Coleta de material mais aprofundado sobre a vida pessoal e profissional de Joselito Lucena pertencentes à família.

Análise e leitura do material coletado.

23 MAIO

Reunião entre os membros da equipe para definir a trilha sonora para compor o áudio do vídeo-documentário.

01 A 03 DE JUNHO

Seleção de material para o vídeo documentário e início do processo de edição.

06 A 13 DE JUNHO

Processo de edição e montagem do vídeo documentário.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. Conceito de documentário

O vídeo documentário se difere dos demais gêneros cinematográficos porque é caracterizado pelo compromisso em levar a sociedade a plena exploração da realidade. Mas isso não significa que ele represente totalmente a realidade como ela é. O documentário, assim como o cinema de ficção, é uma representação parcial e subjetiva da realidade. De acordo com Manuela Penafria:

Um documentário transmite-nos não a realidade (mesmo nos louváveis esforços em transmitir a realidade “tal qual”) mas, essencialmente, o relacionamento que o documentarista estabeleceu com os intervenientes.” (PENAFRIA, 2001,p. 7)

Assim, o vídeo documentário não pode ser considerado apenas um meio de transmitir um determinado fato real, mas sim como uma obra pessoal. Manuela Penafria afirma que “a atitude de produzir um documentário já se constitui uma intervenção da realidade. É impossível ao documentarista apagar-se. Ele existe no mundo e interage com os outros, inegavelmente”. (PENAFRIA, 2001,p. 7)

O documentário se caracteriza apresentando determinado acontecimento ou fato, priorizando uma forma de registro interpretativo e amplo. É um fato verídico exposto em forma documental ou ficcional, a fim de divulgar, de provocar reflexão e compreensão da situação retratada ao espectador. O jornalista Walter Sampaio (apud. ZANDONADE, FAGUNDES) ressalta a sua importância ao afirmar que “se trata de um estágio evolutivo do telejornalismo.”

Há dois modelos que definem documentário; clássico e moderno. O clássico predominou durante a década de 20, baseado em ilustrações e narrações construtivas e basicamente voltadas a interesses institucionais. Já o documentário moderno, que predominou a partir de algumas décadas seguintes, passou a necessitar de interatividade com o público alvo, no intuito de desenvolver uma postura crítica diante dos assuntos abordados e uma ampla interpretação dos fatos, mediante a realidade de cada espectador.

Este segundo gênero de documentário possui algumas modalidades de representações que evoluíram com o passar dos anos. Podem-se destacar três principais modos de reproduções: o expositivo; o observacional; e o interativo e reflexivo.

O modo expositivo é utilizado como um modelo de documentário clássico, com controle de conteúdo e limites pelo produtor. Capta basicamente a idéia que uma empresa ou órgão pretendem expor quando utilizado no campo institucional, e tende a fazer o espectador “concordar” com o que está vendo, sem abrir possibilidade de discussão. Por isso, bastante usado por entidades e órgãos públicos, a fim de que a população assimile a mensagem transmitida sobre determinadas problemas vigentes sem questionamentos.

Já o modo observacional se diferencia principalmente pela ausência da interferência do produtor na obra. Não há cortes estratégicos nem delimitados nas entrevistas, a fim de induzir a história ao interesse de seus idealizadores. As falas e os comentários são espontâneos, tentando captar a essência da realidade retratada.

Existe uma seqüência cronológica das ações baseadas na seqüência original da gravação, quase sem edição, como se não houvesse diretor, nem a própria câmera, como se fosse possível levar o expectador diretamente ao local do acontecimento.

O terceiro modo de representação de um vídeo documentário é o interativo e reflexivo. Assemelha-se com o expositivo com a intervenção do autor, contudo, a sua intervenção não chega a ser ideológica como no primeiro. Aqui há a percepção do autor da obra, a fim de provocar reflexão do público, baseado no ponto de vista provocador ou participante do diretor. Enquanto o observacional leva o expectador ao cenário interativo-reflexivo evidencia o fato, abre margem para pensar e para o discurso. É possível “ver” a mão do diretor instigando o espectador a cada fala, ato e seqüência.

O documentário cumpre o seu papel de compreender o comportamento do homem na sociedade, fato que fica evidenciado pelas varias possibilidades de temas a serem abordados.

4.2. Documentário no Brasil

O documentário brasileiro sofreu várias modificações ao longo do tempo por influência seja de movimentos europeus ou da política nacional. Essas mudanças são refletidas nas produções de cada década do século passado.

Os primeiros documentários foram produzidos pelos próprios proprietários das casas de cinema, servindo de registro da realidade local e entretenimento, antes e durante os intervalos dos grandes filmes. O jornalista Thiago Altafini (apud. Zandonade, Fagundes) cita alguns documentaristas que se destacaram na época.

No Rio Grande do Sul, encontra-se Eduardo Hirtz, um alemão que se mudou para Porto Alegre e se tornou o grande nome do cinema gaúcho.

No Paraná, Annibal Rocha Requião, produziu o documentário sobre o desfile de 15 de novembro e na Bahia, Rubens Pinheiro, Diomedes Gramado e José Dias Costa se destacaram.

No início, as produções eram financiadas por instituições de elite, a propaganda estatal e a privada eram à base de sustentação dos documentários. A partir da década de 50, com um novo período político no país, as produções passam a sofrer influência norte americana, diretamente da indústria de Hollywood, quando surge a Companhia Cinematográfica Vera Cruz.

Anos mais tarde sob forte influência do Neo-realismo italiano e a Nouvelle Vague da França surge uma safra de grandes documentaristas como Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues, Ruy Guerra, Zelito Viana, Walter Lima Jr., Luiz Carlos Barreto, Eduardo Coutinho, Arnaldo Jabor e Paulo César Saraceni.

Os movimentos estudantis levam o gênero documentário para as universidades agregando-lhes diversas características como colagens experimentais e locuções não-lineares.

Os temas abordados também sofrem modificações nesse período com uma visão voltada para o cenário brasileiro, enfocando as questões sociais, os movimentos comunitários e sindicais, as organizações estudantis, habitação e saúde.

Na década de 80 inicia-se uma busca pela memória fílmica do país que se estende pelas décadas seguintes.

A introdução da TV a cabo possibilita um novo espaço para a veiculação dos documentários, assim como o surgimento de canais especializados. Recentemente, as produções de documentários vêm ganhando espaço no circuito cinematográfico, além de uma

demanda bem maior em festivais e premiações em todas as regiões do país. O que revela o grau de confiança e a importância que o vídeo documentário adquiriu no Brasil.

4.3. Documentário na Paraíba

As primeiras exibições cinematográficas na Paraíba aconteceram durante a Festa das Neves, no ano de 1917, considerada na época como o maior acontecimento religioso, social, político, e cultural do Estado. A partir daquela histórica exibição, a cinematografia se tornou conhecida no Estado, chamando a atenção de empresários e atraindo uma infinidade de espectadores.

Em 1918, o cineasta Walfredo Rodrigues produz o documentário “Carnaval paraibano e pernambucano” e, um ano depois inicia as filmagens do documentário que viria a se tornar um clássico; “Sob o céu nordestino”.

A partir do final dos anos 50 é deflagrado o ciclo do documentário paraibano, impulsionado pelo filme de Linduarte Noronha “Aruanda”, que “foi ponto de partida de um tipo de produção barata, quase de cunho amadorístico, preocupado em não mostrar nossa realidade, mas estudá-la, e que teve continuidade em diversos outros filmes. (LEAL,2007, p 40, vol 2).

Nesse período nomes como Vladimir Carvalho, João Ramiro Melo e Ipojoca Pontes despontaram. Segundo Wills Leal, “o cinema paraibano tem sido um cinema documental por excelência, que apresenta constantemente a cultura popular como tema central.”

Foi a partir da década de 60 que a produção de filmes teve um considerável aumento, que impulsionou o crescimento de obras cinematográficas em todo o Estado até os dias atuais.

4.4. O rádio no Brasil

O rádio é um aparelho pequeno e, portanto móvel. Como cita Gisela Ortriwano, ele está livre de fios e tomadas, e pode ser levado para diversos tipos de ambientes.

O ouvinte de radio está livre hoje de fios e tomadas e não precisa ficar em casa, ao lado do aparelho. O radio hoje está em todo lugar, na cozinha no banheiro, no quarto, no escritório, nas fábricas, no automóvel, eliminado também o hiato da audiência durante o tempo de locomoção de um lugar para o outro. Seu tamanho diminuto torna-o facilmente transportável, permitindo inclusive, recepção individualizada nos lugares públicos (ORTRIWANO, 1985, p. 79).

O surgimento do rádio bem como a sua permanência como um dos veículos de comunicação de massa de maior alcance junto ao público, com destaque para o contexto brasileiro, remete-nos à discussão sobre a mídia e a criação de novas formas simbólicas.

De acordo com os estudos citados por Ortriwano, “o rádio tem sua data de inauguração oficial no dia 7 de setembro de 1922,” como parte das comemorações do Centenário da Independência do Brasil. Os primeiros trabalhos do rádio foram transmissões de óperas diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 20 de abril de 1923 a radiodifusão é definitivamente instalada no Brasil. Nesse mesmo ano, começam as atividades da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquete Pinto e Henry Morize que impuseram a emissora um cunho nitidamente educativo.

Todos os lares espalhados pelo imenso território brasileiro receberão livremente o conforto moral da ciência e da arte, a paz será realidade entre as nações. Tudo isso há de ser o milagre das ondas misteriosas que transportaram no espaço, silenciosamente as harmonias. (ROQUETTE PINTO *apud* VAMPRE, 1979, p. 31).

O autor lembra o recital de “O guarani” no Rio de Janeiro, que marcou o início das transmissões no Brasil. No ano seguinte, são promulgadas as primeiras normas do rádio

no Brasil. Roquette Pinto funda a rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 1923 e após doze anos ocorridos de transmissão, idealiza a função do Rádio no território nacional.

Roquette Pinto optou pela Rádio Sociedade, em que os ouvintes contribuía para a manutenção do veículo. Contudo, de acordo com Vampré, Roquette Pinto implementou um elitismo artístico na programação da rádio. Tal fato não propiciou a popularização do veículo.

As emissoras começam a se espalhar pelo país a partir de 1920 com nome de clubes ou sociedades, pois nasciam por clubes ou associações formadas por idealistas que acreditavam no potencial do novo meio de comunicação. Na década de 30 o rádio brasileiro começou a se profissionalizar e contratou profissionais específicos para a atividade de comunicação radiofônica.

Com o surgimento da televisão, o rádio iria se adaptar para um novo formato de produção, começou a atender às necessidades das regiões e principalmente a ser um veículo de informação e pouco a pouco trocou os astros e estrelas por discos e fitas gravadas, as novelas pelas notícias e as brincadeiras de auditório pelos serviços de utilidade pública.

4.5 O rádio na Paraíba

O radialista e jornalista Petrônio Souto, fez um resumo da história do rádio na Paraíba, onde ele enfoca que “mesmo com o apogeu do rádio em 1927, na Paraíba, o surgimento do rádio remete a 1931, quando ocorre a inauguração da Rádio Clube da Paraíba,” fundada por José Monteiro Gomes de Oliveira em parceria com Oliver Von Sohsten.

A primeira transmissão externa de rádio feita na Paraíba foi feita pela rádio Clube em 1933, com a visita do presidente Getúlio Vargas ao Estado. As autoridades locais, como o interventor do Estado, Gratuliano de Brito, receberam o presidente no Palácio Arruda.

Segundo palavras de Petrônio Souto, “a Rádio Clube da Paraíba se tornou um veículo muito forte no Estado em todos os aspectos e se ganhou o prestígio da Classe intelectual da época.”

Em 1937 com a era Vargas a Rádio Clube se tornou um veículo de propaganda do governo e foi rebatizada como Rádio Difusora da Paraíba e logo depois como Rádio Tabajara se tornando uma emissora nos mesmos moldes de uma Rádio Nacional ganhando em modernização e potência, mas voltada somente para interesses do governo.

Na era pós-Vargas, com a redemocratização do Brasil, a Rádio Tabajara recuperou aos poucos suas características iniciais com a específica função de divertir o público.

Em Campina Grande, o Rádio chegou mais tardiamente em relação a capital e demais cidades grandes do país. Segundo Freitas, as primeiras transmissões foram feitas no anos 30, com o trabalho que perdura até hoje, o de radioamadores, que cobriam geralmente em toda sua programação apenas a segunda guerra mundial. A história da radiofonia campinense se confunde com a própria história do rádio no Brasil. Acompanhou as transformações técnicas, vivenciou os mais relevantes programas através de sua época de ouro e esteve presente nas coberturas de fatos relevantes que marcaram o cenário político, econômico e social da cidade e da região. (FREITAS, 2006, p.125).

Segundo Freitas um gaúcho, “Jovelino Farias foi o pioneiro das transmissões radiofônicas em Campina Grande no ano de 1936 com um serviço de auto-falantes.”

Já Petrônio Souto afirma que “o rádio só chega a Campina Grande em 1949, com a inauguração das emissoras Cariri e Borborema.”

5. AS TRANSMISSÕES DE FUTEBOL

Segundo Almeida e Micelli as “partidas de futebol começaram a ser transmitidas a partir de 1929 apenas com poucas informações dos jogos que eram realizados entre Rio de Janeiro e São Paulo.” As coberturas eram feitas com muita dificuldade e baixa qualidade, e os jogos eram relatados com uma transmissão fria, sem emoção.

Vários nomes consagrados ajudaram a construir a história da narração como Raul Longras, Rebello Júnior, Blota Júnior, Pedro Luis Ary Barroso e Gagliano Neto.

Ao longo do século XIX esses homens foram formando o que hoje se é conhecido como Locução esportiva, seja criando bordões com “balançou o véu da noiva” (quando acontece o gol) de Raul Longras ou com a introdução da gaita nas transmissões de Ary Barroso. Ao longo dos anos foram introduzidos outros profissionais como os repórteres de campo que tinham a função de entrevistar jogadores e técnicos e os comentaristas cujo o de maior destaque foi João Saldanha no Rio de Janeiro.

As coberturas esportivas passaram a ter uma narração mais emocionante, um novo jeito de narrar que agradou ao público brasileiro, conseqüentemente todas as rádios perceberam que precisam indispensavelmente de uma equipe especializada em esporte e passaram a investir nas transmissões esportivas dando grande enfoque ao esporte de massa do país, o futebol .

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto tem como objetivo principal enaltecer a classe radialista paraibana, que atualmente com a chegada e o avanço dos novos meios de comunicação vem sendo desvalorizada. E retrata a história de vida de um personagem social e suas características singulares.

O documentário vem se destacando ao longo dos seus anos de existência como um gênero cinematográfico que cumpre seu papel de relatar desde cenas do cotidiano a grandes acontecimentos de repercussão mundial.

O vídeo documentário “O bom Baiano” é uma prova concreta de que é possível utilizar o cinema como uma ferramenta de difusão cultural, buscando sempre o enaltecimento das figuras humanas. Ao retratar a história do Locutor Joselito Lucena, o filme procurou mostrar não só os seus principais feitos como radialista, mas a competência de um homem simples, que com todas as dificuldades foi capaz de transmitir sentimentos variados as pessoas com a sua voz marcante.

O filme espera mobilizar a sociedade e autoridades responsáveis da Paraíba, quanto a importância do profissional radialista e estimular o interesse da classe afim de preservar um trabalho que vem sendo construído a décadas por personagens como Joselito Lucena.

Que a partir de sua exibição surjam novas iniciativas a respeito do assunto, visando engrandecer o radialismo paraibano e valorizar um trabalho de suma importância para o cenário nacional e regional.

7. REFERÊNCIAS

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**.2001

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no Rádio**: Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos . São Paulo: Summus, 1985.

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo, **Manual do Radiojornalismo** – Produção ética e internet. Rio de Janeiro : Oficina do autor, 1996. p. p. 541

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 2004

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.
(Novas buscas em comunicação, v 69)

ALMEIDA Alba E MICELLI, Márcio. **Rádio e futebol**: gritos de norte a sul. Disponível em : [HTTP://WWW.jornalismo.ufsc.br/redalcar/cd/grupos%20de%20trabalho%20da%20historia%20da%20midia/historia%20da%20midia%20sonora%20Almeida.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redalcar/cd/grupos%20de%20trabalho%20da%20historia%20da%20midia/historia%20da%20midia%20sonora%20Almeida.doc) . Acessado em 21 de Abril de 2011.

LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba/Cinema da Paraíba**. João Pessoa, 2007 . (Livro-álbum em dois volumes).

FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus; ZANDONADE, Vanessa. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Disponível em: [HTTP://bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf](http://bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf). Acesso em 15 de abril de 2011.